

26ª Bienal de São Paulo - 2004

L E I T U R A S D E A R T I S T A S



2004 set.
26ª BIENAL DE SÃO PAULO

Apresentação

Entrevistas

Biografias

Glossário

Bibliografia

Imagens

26ª Bienal



LUC TUYMANS

- [Biografia](#)
- [Sobre o artista](#)
- [Sobre a obra](#)
- [Leitura do artista](#)

ARTISTAS

Beatriz Milhazes
Chen Shaofeng
Eduardo Kac
Esterio Segura
Ivens Machado
Luc Tuymans
Melik Ohanian
Paulo Bruscky
Paulo Klimachauska
Pablo Siquier
Rui Chafes
Thiago Bortolozzo
Vera Mantero
Victor Mutale
Xu Bing

Gostaria que nos resumisse sua experiência profissional. Fale também sobre o trabalho que você apresenta na Bienal.

Sou pintor há 30 anos. Trouxe para a Bienal cinco pinturas de uma série de nove que ainda não estão prontas e que tratam de algo muito específico que acontece na Bélgica.

Primeiro o Alfons, o curador da Bienal, pediu-me para fazer algo sobre o Brasil. Mas eu nunca estive anteriormente aqui, essa é minha primeira vez. Achei incoerente fazer isso. Eu não sei nada sobre o Brasil exceto pelos clichês que conhecemos na Europa: futebol e carnaval.

Mas o interessante é que antes de participar dessa Bienal eu havia pensado em fazer uma série de trabalhos sobre o carnaval. Mas era sobre o carnaval que é realizado em um determinado lugar na Bélgica, uma cidade chamada Belge. Lá o carnaval é baseado em uma história mitológica. Como no Brasil, que esteve sob domínio português nos séculos XV e XVI, nós estivemos sob domínio hispânico. Um dos imperadores, Galaz V, nasceu em Flandres e no séc XV ou XVI ele, junto com seu filho, fez uma viagem pela região – na época a Bélgica ainda não existia – e descobriu um local onde viviam os parentes de Margareth da Bulgária e suas famílias.

E numa noite aqueles nobres homens vestidos de índios – porque estavam conquistando um novo mundo – deram laranjas uns aos outros. É baseado nesse mito que surgiu o carnaval de Belge.

Acho que naquele tempo a classe alta tinha seu próprio carnaval, como uma sociedade secreta.

Meu interesse era trabalhar com a idéia de que, mesmo vivendo em um mundo onde a mídia não é confiável, nós podemos voltar às antigas tradições ou tentar focar o folclore regional sob um ângulo diferente. E foi interessante pra mim criar aqui no Brasil uma espécie de paralelo ao remeter meu trabalho a algo 'exótico', incomum.

Assim, nas cinco telas que você vê há de um lado o desfile, onde esses chapéus de Flandres são usados... bom, o carnaval deles dura apenas um dia e começa quando saem todas as pessoas nas ruas. Os participantes precisam morar na cidade há pelo menos 10 anos; eles são levados pelas pessoas que tocam bateria a fazer um tour que começa as cinco da manhã, e há essa máscara para usar.

Lá pelo meio da tarde todos colocam fantasias e esse chapéu, que usam até a noite, junto com uns apetrechos nos joelhos que fazem parte da fantasia e que depois são queimados à meia-noite. É o ritual.[[Voltar](#)]

Eles mudam de roupa durante o dia?

Sim. Faz parte do ritual. Essa festa é protegida pela UNESCO porque é um carnaval muito peculiar. Eles também têm guizos que ficam pendurados nas roupas e nos pés.

E é claro que tudo é uma representação da cultura inca na Europa, que foi levada à universidade no século XIX e que depois tornou-se popular.

Vamos comentar sobre a sua técnica. O que é importante saber para entender



Fundação Bienal de São Paulo

seu trabalho? Porque sua pintura parece com surrealismo, parece desfocada, como uma situação mágica.

Bom, a parte desfocada não é como se fosse uma pincelada, existe um formato. É um movimento físico.

A idéia é trabalhar com tons e meios-tons porque isso cria mais profundidade. Também porque se você usa a cor completa o espaço fica bem mais delineado, esculpido, e na minha opinião a área de pintura não é para ser esculpida. Não acho bom memorizar as cores dessa maneira porque fica mais complicado para o visitante memorizar a situação inteira. Nesse caso ele terá que se aproximar mais da tela.

O importante do meu trabalho é que ele trata de representação de elementos, palavras. Primeiro eu penso sobre o que pintar e daí começo a procurar pelo objeto, faço vários desenhos, muita preparação, muitas tintas e fotos polaroids, o que seja, e depois eu decido sobre a imagem. A pintura em si é feita em um dia. [Voltar]

O que você gostaria de apontar para que entendam sua pintura?

Meu interesse com o público da Bienal, por ser um público grande, é ver o que eles irão reconhecer, mesmo que seja nuvens, ou se vão ver cogumelos... quero saber o que eles vão entender. Pode ser que vejam um grupo, não um desfile, se é que eles vão fazer uma ligação entre desfile e fantasias, que é uma implicação de carnaval. Mas a janela vai mostrar também que não é o carnaval daqui. As laranjas amassadas mostram a reminiscência de violência, o que aponta que o carnaval pode ser violento, como brigas de ruas. [Voltar]

É uma situação global.

Na verdade, a idéia é que o carnaval é uma forma anárquica de organizar o mundo, uma das últimas formas usadas e conhecidas de religião que sobrevive e ainda assim, especialmente no Brasil, é um fator importante na sociedade atual.

Eu não queria cometer o erro igual ao de Mathew Barney e fazer algo sobre o carnaval daqui porque não seria possível para mim; não o conheço. O que eu poderia fazer era trazer algo do meu lugar, com o qual fiz o paralelo, de uma maneira bem estranha e bem subjetiva.

Há várias camadas em comum.

Sim. E foi um jeito também de sair desse clichê exótico. Essa é a idéia, na verdade.

Há muito de visão política nessas pinturas. Caso perguntassem para mim o que vejo nelas, diria que não as vejo como símbolos de violência, religiosidade ou sociedade secreta, mas como um momento na sociedade em que a liberdade e a diversão surgem através de máscaras, rituais, da música.

E se eu entendi direito, o tema da Bienal é sobre território livre. Assim, nesse sentido, o carnaval é um território livre.

Uma parada no tempo, seja de um ou cinco dias.

E também em termos de pintura, que é outra zona temporal.

Nessa Bienal a pintura está privilegiada. O que você tem a dizer sobre pintura?

É muito idiota essa discussão sobre a pintura estar viva ou morta, porque não leva a lugar algum. Quero dizer que é melhor indagar sobre o que a pintura pode fazer. E mesmo quando ela não é o ponto central do mundo das artes, mesmo estando na área periférica, a pintura é muito importante porque os remanescentes são importantes.

É uma forma original de expressão.

Não. A pintura ainda é sobre 'o traço original', que é físico. É como fazer **escarificações** na pele. O gesto é outro elemento na pintura. Assim, ela é uma maneira de trabalhar e ler a imagem.

É claro que a pintura não pode ter apenas um caminho linear. Sempre houve

grandes pintores e talvez seja por isso que ela nunca acabou. Porque basicamente as pessoas têm interesse nisso.

A controvérsia sobre esse assunto seria muito menor se não fosse por alguns críticos e curadores que determinam qual é a maneira certa do público olhar e também como devem entender o progresso tecnológico. Este deveria ser apenas visto como progresso.

Arte não é mídia. Claro que a mídia é importante, mas apenas se for usada de forma correta e específica para a criação de algo significativo. Isso em qualquer mídia.

A mídia é um suporte, não uma linguagem.

Isso. Não deve ser a razão da criação.

Bom, a maioria dos artistas que trabalham com vídeo e afins nunca me perguntou porque eu pinto.

Porque a pintura sofreu uma atualização. Você é um artista contemporâneo, com outro toque e senso. Diferente dos pintores dos séculos XVIII ou XIX, porque é outra visão de pintura.

É e não é. A pintura não mudou tanto assim, tecnicamente falando. As normas foram modificadas na mente.

Qual a mensagem você quer passar com seu trabalho?

A pintura é basicamente momento e precisão, que são os meus assuntos de estudo. Mas não menos importante é a idéia de transgressão da imagem cognitiva, e há muitas camadas que fazem relação com o histórico da pintura e com algo completamente banal, mas que se torna importante na hora que é pintado. Não sei se você percebe ou não o ritualismo específico que se materializa na pintura. É um prazer único. [[Voltar ao início](#)]